

O CHAMADO À LIBERDADE*

*Ademir Rubini***

Resumo

O ser humano foi criado para viver na liberdade. Esta é, ao mesmo tempo, dom de Deus e conquista humana. A natureza humana traz a marca do pecado e das contingências do tempo. Trazemos em nós a duplicidade dos instintos egoístas e, ao mesmo tempo, do Espírito. Enquanto este nos impulsiona à liberdade, aqueles nos escravizam. Necessitamos de um libertador. O chamado à liberdade em Cristo nos direciona à permanente conversão de nossa vida, num trabalho constante de superação dos nossos limites, a fim de nos deixar conduzir pelo Espírito de Deus, vivendo na liberdade e no amor. A comunidade da Galácia estava correndo o perigo de perder a graça da liberdade em Cristo Jesus. O Apóstolo Paulo enfrenta esta situação, identificando a vida na liberdade como a essência do Evangelho e da fé cristã, que se torna eficaz pela vivência do amor.

Palavras-chave: *Liberdade. Amor. Dom. Espírito. Evangelho.*

Abstract

The human being was created to live in freedom. This is, at the same time, the gift of God and human conquest. Human nature bears the mark of sin and the contingencies of time. We bring in us the duplicity of the selfish instincts and, at the same time, the Spirit. While it drives us to freedom, they enslave us. We need a deliverer. The call to freedom in Christ directs us to the permanent conversion of our life, in a constant work of overcoming our limits, in order to let us lead by the Spirit of God, living in freedom and love. The community of Galatia was in danger of losing the grace of freedom in Christ Jesus. The Apostle Paul confronts this situation by iden-

* Este texto tem como base a dissertação de mestrado que cursei na Escola Superior de Teologia, entre os anos de 2009 e 2011: O Evangelho da liberdade: uma análise de Gálatas 5,1-6. São Leopoldo/RS, p. 78-88.

** Presbítero da Diocese de Chapecó/SC. Professor da Itapa Faculdades, na disciplina de Cartas Paulinas. Doutor em Teologia. Área de concentração: Bíblia, pela Escola Superior de Teologia – São Leopoldo, RS. E-mail: ademir_rubini@yahoo.com.br.

tifying life in freedom as the essence of the Gospel and the Christian faith, which is effective by the experience of love.

Keywords: *Freedom. Love. Gift. Spirit. Gospel.*

Introdução

O tema da liberdade é fundamental na Sagrada Escritura, principalmente no Novo Testamento. Uma das cartas do Apóstolo Paulo trata diretamente sobre essa dimensão essencial na vida de todos os que aderem à fé cristã. Escrevendo aos gálatas, Paulo enfrenta o conflito surgido na comunidade cristã, sobretudo pela influência dos judaizantes que intencionavam impor a prática da Lei Mosaica àqueles que abraçavam a fé em Jesus Cristo. O Apóstolo defende o princípio de que Cristo nos colocou numa condição de liberdade, inclusive, diante da Lei. “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1).

1. Noções preliminares acerca da liberdade

O anúncio da liberdade no Novo Testamento, como um verdadeiro evangelho, situa-se no contexto da Tradição judaica e, principalmente, no horizonte da cultura greco-romana. O sistema escravagista, imposto pelos gregos e depois pelos romanos, trazia à tona, o ideal de liberdade.

A liberdade no plano criador de Deus

A liberdade humana está dentro da dinâmica criadora de Deus. O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26). Acima de tudo, o ser humano é chamado a ser livre, como Deus. “Em tudo o homem não é nada diante de Deus, mas numa coisa assemelha-se: na liberdade”¹. Assim, a liberdade é mais do que um atributo ou uma qualidade do ser humano, é a própria razão de ser da sua existência. A vocação do ser humano é, acima de tudo, para ser livre. Embora o pecado tenha entrado no mundo e na vida do ser humano, tornando-o escravo, há um caminho que dá a oportunidade de resgatar a liberdade primordial, presente na origem. Este caminho é Jesus Cristo. Deus enviou o seu Filho para que nele recebêssemos a adoção filial, tornando-nos filhos e filhas de Deus. Portanto, somos chamados a participar da vida divina, vivendo na liberdade (Gl 4,1-7; Rm 8,14-17). Esta foi a mudança radical que Jesus introduziu na existência humana: *já não és escravo, mas filho* (Gl 4,7).

O que fundamenta o chamado à liberdade é o amor. Somente alguém que é livre poderá amar. Deus necessitava da liberdade humana para poder amar e

1. COMBLIN, José. *Cristãos rumo ao século XXI* – Nova caminhada de libertação. São Paulo: Paulus, 1996, p. 66.

ser amado. Por isso, criou o ser humano para a liberdade. O verdadeiro amor só existe quando é fruto de um ato de liberdade.

Para a filosofia grega, Deus era o fundamento da ordem, Ele próprio era parte dessa ordem (o primeiro motor imóvel). Por conseguinte, o ser humano realizava o seu destino ocupando o seu lugar na ordem cósmica: a razão de ser dos homens era a sua submissão à ordem universal estabelecida e movida por Deus².

Ora, Deus é amor (1Jo 4,8) e o amor respeita a liberdade e quebra toda estrutura de ordem. Só é possível amar o outro. Impor a submissão e a ordem é não deixar o outro ser outro, mas é torná-lo objeto. Evidentemente que isso supõe o risco do fracasso e da frustração. Embora Deus tenha criado o mundo e o ser humano por amor e para o amor, não há a garantia de que esta esperança de Deus se realize. Mas Deus preferiu correr este risco, porque o verdadeiro amor só acontece na liberdade. *Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo* (Ap 3,20). Esta é a identidade de Deus, um Deus que ama, espera e corre o risco do fracasso. Deus torna-se fraco porque ama (Fl 2,6-11). Ele vai até as últimas consequências por amor. Normalmente quanto mais se ama, mais se sofre, principalmente se não há reciprocidade no amor. “Deus bate a porta e aguarda. Se não é atendido, afasta-se e continua o caminho. Somente entra se é convidado. Depende do convite das pessoas. Deus torna-se pedinte, suplicante”³. Tudo isso Ele faz por respeitar a liberdade do ser humano. Deus toma a iniciativa e se aproxima do ser humano como um ser responsável, como alguém que pode aceitar ou rejeitar a graça do chamado.

Os seres humanos, assim como os animais pertencentes a uma mesma espécie, são parecidos. No entanto, o ser humano se diferencia de todos os seres vivos, por sua consciência e liberdade. Os animais agem por instinto. O ser humano, porém, escolhe e rompe com esquemas preestabelecidos. “Apesar de nossa semelhança e de nossa mesmice, somos, ao mesmo tempo, profundamente desiguais e diferentes”⁴. Trazemos esta diversidade em nossa interioridade, que é invisível, e por isso dificulta percebermos as causas profundas que fazem uma pessoa agir desta ou daquela maneira.

O risco da liberdade

É normal que a liberdade cause insegurança. Muitas vezes as pessoas mais autoritárias e ditadoras são as mais inseguras. É mais seguro determinar tudo do

2. COMBLIN, 1996, p. 65.

3. COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1998, p. 67.

4. ROCHA, Zildo Barbosa. O Evangelho da liberdade. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 253, Petrópolis, 2004, p. 171-185 (p. 179).

que confiar no outro e respeitar sua liberdade. Da mesma forma, normalmente é mais tranquilo receber uma decisão pronta que vem de fora que ter de decidir e assumir a responsabilidade. “A liberdade, que relativiza os preceitos e obriga o homem a criar e a assumir a responsabilidade das normas que aplica, constitui um peso difícil de suportar. Peso de temor, ansiedade, insegurança”⁵. Muitas vezes é mais cômodo ser escravo e receber prontas as soluções dos problemas, que vencer o temor e ser sujeito de suas ações e decisões. Por isso, Paulo afirma: *não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor* (Rm 8,15). A maturidade cristã exige que se assuma os riscos da liberdade, vencendo o temor e a sujeição ao “pedagogo” (Gl 3,23-25).

O medo de assumir a responsabilidade de ser livre impede a pessoa de avançar, de progredir. Deixa a pessoa amarrada nos preceitos legais e a torna incapaz de criação e de amor eficaz. “Cuida-se para não violar um preceito, mas quebra o principal, o de usar criativamente sua liberdade para amar o irmão”⁶. Não há razão para ter medo, porque a misericórdia de Deus não depende das nossas boas ações. Deus iniciou sua atividade salvadora enquanto ainda o ser humano era pecador (Rm 5,8). A graça é muito superior ao regime de escravidão e morte. Onde avultou o pecado, a graça superabundou (Rm 5,20). De modo que o cristão pode temer a liberdade, mas sem medo se integrar na construção do *novo céu e da nova terra* (2Pd 3,13).

A liberdade causa medo, porque ela se abre ao imprevisível e a quebra da ordem e da tranquilidade. Paulo estava muito consciente de que seu anúncio de liberdade poderia ser malcompreendido e ser usado para justificar atitudes contrárias à fé cristã. Por isso, foi bem claro ao declarar: *Vós fostes chamados à liberdade, irmãos. Entretanto, que a liberdade não sirva de pretexto para a carne, mas, pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros* (Gl 5,13). No entanto, prefere correr o risco do que esvaziar o conteúdo central do Evangelho.

O embate entre a cultura grega e o pensamento judaico-cristão

Esta imagem bíblica de Deus contrasta com a metafísica de Aristóteles, segundo a qual Deus é alguém “todo-poderoso, soberano, impassível, imutável, imóvel, prisioneiro de si próprio e da sua perfeição”⁷. Assim, só haveria espaço para a ordem, e a liberdade seria um defeito. Ao ser humano restaria apenas a

5. SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus?* Trad. Magda Furtado de Queiroz. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 347.

6. SEGUNDO, 1995, p. 348. Esta atitude se mostra muito frequente, a meu ver, em nossas Igrejas, quando se preocupa demasiadamente para estar dentro das normas legais, principalmente litúrgicas, e não se avança naquilo que é a essência da vida cristã, o amor (Rm 13,9; Gl 5,14).

7. COMBLIN, 1996, p. 67.

atitude de obediência à ordem estabelecida por Deus. Um Deus assim não poderia amar nem ser amado. O amor supõe liberdade, imprevisibilidade, diálogo, reciprocidade, risco.

A visão de mundo, construída pela cultura grega, incidiu com força sobre as outras culturas antigas, principalmente a partir do século IV a.C., com a dominação iniciada por Alexandre, o Grande. Da mistura entre as culturas ocidentais e orientais, resultou o helenismo, com um forte acento da cultura grega. O helenismo atingiu também o pensamento cristão. “A boa notícia da liberdade cristã foi obscurecida, ao longo do tempo, ao contato de doutrinas e ideologias prevalecentes no mundo greco-romano, que colocavam na harmonia do universo e na ordem da sociedade o valor supremo”⁸. A liberdade tornou-se um perigo, facilmente confundida com rebeldia.

Não duvidamos do poder e da grandeza de Deus. Nossa intenção é resgatar a imagem que a Bíblia revela de Deus, principalmente em Jesus Cristo. “Em verdade, Deus abandonou seu poder infinito para depender do ser humano livre. O amor poder renunciar livremente ao poder, ao mando, à dominação, inclusive à ordem”⁹. É por isso que, ao criar o ser humano para a liberdade, Deus tornou-se impotente e capaz de fracassar. Esta é a atitude de quem vai até as últimas consequências por respeitar a liberdade do outro.

Além de criar o ser humano à sua imagem e semelhança, ou seja, um ser para a liberdade, Deus reforça ainda mais esta condição quando se revela como *Abba*, Pai (Gl 4,6), dando ao ser humano a graça da filiação divina. Dessa passagem de criatura à filiação, o ser humano pode fazer uma nova experiência de Deus, sentindo-o como Pai. Além disso, a paternidade universal de Deus revela outro aspecto fundamental para a vida do ser humano, a exigência da igualdade fraterna. A liberdade cristã não é um chamado para vivê-la de forma isolada, mas dentro da comunidade. Finalmente, a filiação dá o direito à herança¹⁰. Na condição de filhos de Deus significa que o ser humano atingiu sua maioridade. Já não depende do pedagogo, ou seja, da Lei, no caso dos judeus (Gl 3,23-25) e dos elementos do mundo, no caso dos pagãos (Gl 4,3). Assumir a herança ou a liberdade é a condição para acolher a Cristo e sua mensagem.

Embora a liberdade não ocorra automaticamente na vida do ser humano, mas é algo que precisa ser construído, há no mais profundo dele o desejo de ser livre. A liberdade foi, é e sempre será uma busca humana¹¹. O anúncio dessa

8. ROCHA, 2004, p. 176.

9. COMBLIN, 1996, p. 67.

10. SEGUNDO, 1995, p. 336.

11. Mesmo que nem todos queiram pagar o preço por ela. Muitos preferem a segurança da escravidão aos riscos da liberdade. Esta atitude vem de longe. É só olharmos para a história do povo de Israel no seu processo de

liberdade foi o Evangelho de Paulo. Vivendo num sistema de escravidão, Paulo anunciou a passagem desse sistema de escravidão para um novo sistema de vida caracterizado por uma vida na liberdade. Todos os elementos do cristianismo recebem a sua luz desse enunciado fundamental. Todo o resto concorre para a liberdade e somente é cristão o que constrói a liberdade. *Vós fostes chamados à liberdade, irmãos* (Gl 5,13). É para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão (Gl 5,1). Para Paulo, a liberdade é que dá identidade ao discípulo de Jesus. Ela faz mudar todas as relações, a ponto de Paulo declarar aos batizados: *Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus* (Gl 3,28).

A relação entre liberdade e Reino de Deus

A partir do pensamento paulino, o termo “liberdade” se identifica com o nome que Jesus deu à sua proposta: Reino de Deus. O que fez Paulo usar essa terminologia foi, principalmente, o contexto no qual anunciou o Evangelho. Dificilmente as pessoas de cultura helênica entenderiam o conceito de Reino de Deus. Por isso, Paulo traduziu o Evangelho de Jesus numa linguagem mais próxima à cultura grega. Para Paulo, Reino de Deus é liberdade de todas as formas de escravidão, sejam elas sociais, políticas, econômicas ou religiosas. “Ela é dom de Deus, é o nome paulino do Reino de Deus. Como todo dom de Deus, ela nunca chega a ser completa nesta terra”¹². A liberdade é uma realidade: Cristo nos libertou (Gl 5,1). Por outro lado, é utopia, ou seja, nunca está acabada, sempre há um horizonte de maior liberdade que precisa ser alcançado. Toda a vida humana está na busca da liberdade.

Para Juan Luis Segundo, o fato de Paulo explicitar a novidade cristã em termos de liberdade é porque Paulo teve diante de si um dado que Jesus não tinha em vida, que é a ressurreição. Esta revela que Jesus é mais do que o Messias de Israel, é o próprio Filho de Deus. Neste sentido, “o Evangelho de Paulo consiste, então, em nossa filiação divina, causada por nossa irmandade – em humanidade – com o Filho de Deus: Jesus”¹³.

libertação. O povo não queria a liberdade, ou se queria, não estava disposto a enfrentar os conflitos e desafios para chegar até ela. Muitas vezes preferia a segurança do que ter de se desinstalar e enfrentar o deserto rumo à terra prometida. Principalmente no mundo moderno ou pós-moderno em que vivemos, novas formas de escravidão vão se impondo na vida das pessoas, mesmo camufladas com um ar de liberdade, como o consumismo e o hedonismo.

12. COMBLIN, 1996, p. 57.

13. SEGUNDO, 1995, p. 334.

2. O lugar da liberdade no pensamento de Paulo

A grande discussão que aparece na carta aos Gálatas é em torno da necessidade ou não de os gentios aderirem à Lei judaica, principalmente observando a circuncisão (Gl 2,3; 5,2-6.11; 6,12-13), aos dias santos judaicos (Gl 4,10) e às restrições dietéticas (Gl 2,11-14), para serem verdadeiros cristãos e, conseqüentemente, serem justificados diante de Deus e fazerem parte do povo de Deus. Paulo havia pregado o Evangelho da liberdade em Cristo Jesus (Gl 2,4), mas a influência de judeu-cristãos, que pregavam um evangelho diferente, estava confundindo os fiéis das igrejas da Galácia (Gl 1,8-9). Paulo, na carta aos Gálatas, não quer, em primeiro lugar, argumentar em favor da fé nem contra as obras propriamente. Ele é contrário, sim, que se exija dos gentios a observância da Lei Mosaica, como condição para serem verdadeiramente filhos de Abraão¹⁴. Esse parece ser o motivo principal do conflito com os judaizantes.

A convicção de Paulo é que, a partir de Cristo, iniciou-se um novo tempo, uma nova relação de Deus com os seres humanos e com toda a criação. É uma nova aliança com um novo povo, uma aliança universal (Gl 1,4; 4,4; 4,24.28). Nesta nova aliança, selada por Cristo, a salvação é para todos os homens e mulheres que nele acreditarem, independente de raça, cultura ou nação a que pertencerem (Gl 3,28). Além disso, a salvação é pura gratuidade de Deus e não pode ser alcançada pelos méritos humanos, nem mesmo pela prática da Lei judaica. Todos se tornam livres pela graça de Deus.

A centralidade da liberdade, no anúncio de Paulo, decorre do contexto de escravidão, no qual se vivia, no interior do Império Romano. O uso dessa terminologia por ele vincula-se a esta realidade. Na Ásia Menor e na Galácia a liberdade certamente era algo muito importante, um anseio de todas as pessoas que aí viviam. Paulo percebeu que propor um caminho de liberdade, num contexto em que as pessoas eram vítimas de um sistema escravagista, se constituía numa boa notícia e numa proposta simpática para se aderir. Foi assim que ele encontrou um modo de levar Cristo e sua proposta a este povo.

Cristo nos libertou para viver na liberdade (Gl 5,1). Esta ideia é, sem dúvida, uma das chaves, talvez a principal, para entender a mensagem paulina, ou seja, para entender a mensagem cristã. “Qual é o lugar da liberdade no pensamento de São Paulo? Achamos que o seu lugar é o centro. O conceito de liberdade acha-se exatamente no centro do evangelho paulino”¹⁵. Este Evangelho, entendido como liberdade, provoca movimento e mudanças na história. A liberdade é fruto da graça de Deus, que se desenvolve em cada ser humano, tendo

14. SANDERS, Ed Parish. *Paulo: a lei e o povo judeu*. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Ed. Academia Cristã/Paulus, 2009, p. 35.

15. COMBLIN, José. *A liberdade cristã*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 17.

Cristo como fundamento. É o fio que perpassa toda a carta. Para Betz, a liberdade é o conceito teológico central que resume a situação do ser humano diante de Deus e do mundo. É o conceito básico subjacente à discussão que Paulo faz em toda a carta¹⁶.

A liberdade como Evangelho

Evangelho é a boa notícia e algo que terá consequências concretas, dando um novo rumo à história. É uma Palavra de Deus para o ser humano que faz estabelecer uma nova relação entre ambos.

No Antigo Testamento a palavra “evangelho” aparece pela primeira vez em Isaías: *Como são belos, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, do que proclama boas-novas e anuncia a salvação, do que diz a Sião: “O teu Deus reina”* (52,7). No Evangelho de Marcos percebemos que Jesus inicia sua missão resgatando este mesmo sentido isaiânico, quando diz: *Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho* (1,14). No pensamento de Paulo, a irrupção do reinado de Deus aconteceu com o Mistério Pascal de Cristo. Em Jesus, morto e ressuscitado, Deus iniciou um novo tempo para o qual todos são chamados a participar. É neste contexto que a liberdade é entendida, ou seja, em Cristo nos tornamos livres.

Esta novidade que o Evangelho traz, gera uma transformação no mundo, não será necessariamente aceita por todos. Assim como os fariseus, os herodianos e, principalmente os saduceus, não receberam a proposta de Jesus (Mc 3,6; Mt 16,1; 22,23), os judaizantes e os filósofos gregos também não acolheram o anúncio de Paulo (Gl 1,6-7; At 17,18). No entanto, uma coisa é certa: o anúncio do Evangelho provoca mudança, reação, conflito.

Liberdade: dom e caminho

Para o povo de Israel, a liberdade não era um dado da natureza, mas dom de Deus. Viver na liberdade era uma condição de quem foi libertado por Deus, como aconteceu com a libertação da escravidão do Egito (Ex 20,2; Dt 7,8). “Não era outorgada pela natureza; pelo contrário, sempre era experimentada como dádiva preciosa da parte de Deus”¹⁷. Esta liberdade vinha de Deus e continuava vinculada a Ele. Abandonar o Senhor tinha como consequência a perda da liberdade (Jz 2,1-3). A mensagem dos profetas tinha uma forte dimensão de esperança na vinda de um Messias que traria a liberdade para os cativos (Is 61,1). Com o judaísmo,

16. BETZ, Hans Dieter. *Galatians: a commentary on Paul's letter to the Churches in Galatia*. Filadélfia: Fortress, 1979, p. 255.

17. BLUNK, J. *Liberdade*. In: COENEN & BROWN, 2000, p. 1.195.

houve movimentos de liberdade, com base religiosa, num sentido externo e político. É o caso da luta dos macabeus, no século II a.C. e dos zelotes, no tempo de Jesus.

Podemos afirmar que Paulo expressa a realidade da liberdade num duplo sentido: ela é um dom, dado ao cristão, por Cristo e, ao mesmo tempo, exige um permanecer em Cristo, para continuar sendo livre. O fundamento da liberdade é Cristo, de modo que estamos na liberdade e a temos nele (Gl 2,4)¹⁸. No contexto próprio dos gálatas, submeter-se à Lei, principalmente à circuncisão, significava perder a liberdade dada por Cristo. Circuncisão e Cristo se excluem mutuamente, como meio de justificação diante de Deus.

Poderíamos olhar esta questão e expressá-la de outra forma. A expressão “*é para a liberdade que Cristo nos libertou*” (Gl 5,1) contém, ao mesmo tempo, um indicativo e um imperativo da salvação cristã, no entender de Paulo. A liberdade cristã, como resultado do ato de Cristo, de ter libertado os que creem nele, constituiu-se no indicativo da salvação. Mas este resultado é colocado ao mesmo tempo como um imperativo, ou seja, um objetivo, um propósito, uma direção para a vida do cristão. Teologicamente, afirma Paulo que somente haverá uma existência em liberdade com a tarefa de preservação da liberdade¹⁹.

A liberdade é, em primeiro lugar, presente de Deus. Não é um dado antropológico que a pessoa humana traz por nascença. Através de Jesus Cristo, Deus resgatou o ser humano para viver na liberdade. A acolhida desse dom de Deus pela pessoa humana se dá na medida em que ela está disponível a construir sua vida baseada no amor. A liberdade é um comportamento que de certa forma é treinado progressivamente. Quanto mais madura for uma pessoa, mais livre será. “Por isso deve-se dizer, ao mesmo tempo, que a liberdade vem da parte de Deus, que Deus está tornando o homem livre, e que o homem é chamado a conquistar a sua liberdade”²⁰. Seguindo os instintos humanos, dificilmente haverá liberdade. É necessário um processo de conversão e superação do egoísmo, que faz com que haja uma conquista da liberdade, diante das diferentes formas de escravização a que uma pessoa pode ser submetida ou se submeter. Isto tanto em nível pessoal como social.

Faz parte da essência da liberdade ser fruto de um processo contínuo. Assim como o ser humano não nasce pronto, também a liberdade exige uma caminhada de amadurecimento. “Deus não deu ao homem uma liberdade feita, constituída – o que não teria sentido. Deus deu aos homens a capacidade de conquistar a

18. SCHLIER, Henrich. *La carta a los gálatas*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1975, p. 265.

19. BETZ, 1979, p. 256.

20. COMBLIN, 2009, p. 26.

sua liberdade, de ser tornarem livres por si próprios²¹. Assim, a liberdade é um dom e uma conquista ao mesmo tempo. Não se realiza num momento único, mas se constrói a partir de uma grande diversidade de conquistas, nos mais diversos aspectos da vida. É um trabalho constante, tanto em nível pessoal, no amadurecimento humano-afetivo, psíquico e espiritual, como nas relações sociais, políticas e econômicas que vão se estabelecendo. “Nossa liberdade existe nas liberdades conquistadas entre essas múltiplas relações com os outros seres humanos e com o conjunto do mundo material²². É a partir dessas contingências que se realiza a vocação para a liberdade.

Cristo: fundamento da liberdade

Para Paulo a verdadeira liberdade não vem pela prática da Lei, mas pelos méritos de Cristo (Gl 5,1). O fundamento da liberdade é Cristo. Ele é a referência de todo o Novo Testamento. Sua prática foi colocar-se contra o sistema religioso judaico, que impedia a liberdade, principalmente de colocar-se a serviço do próximo, que estava numa situação de exclusão e miséria, como os doentes, os endemoninhados e os leprosos. “Jesus queria ser livre e por isso rejeita a submissão às categorias de quem tinha usurpado o poder em Israel. Queria também que os seus discípulos e todo o povo se emancipassem dessa falsa direção²³.

Nossa liberdade é a que temos em Cristo Jesus (Gl 2,4). “O cristão livre não é o ser humano deixado solto, mas aquele que vive com seu libertador e para o seu libertador. Fora do senhorio de Cristo a liberdade é uma ilusão. Tão somente encobriríamos nossas paixões e desejos com uma palavra grandiosa” (Gl 5,13)²⁴. Disso resultam implicações que envolvem uma prática de acordo com a proposta de Jesus. É através do seguimento de Cristo que de fato demonstramos nossa liberdade.

É crendo em Jesus que podemos ser livres. Em Jesus, morto e ressuscitado, temos um novo êxodo. Este é realizado, não por Moisés, mas por Jesus; não do Egito, mas do mundo dominado pela maldade (Gl 1,4). Viver o Evangelho é viver na liberdade proporcionada por Cristo morto e ressuscitado. Essa liberdade é fruto do Espírito de Deus, que nos faz perder o medo de testemunhar Jesus Cristo, morto e ressuscitado. O Espírito nos transforma em pessoas livres. Foi esse

21. COMBLIN, 1996, p. 68.

22. COMBLIN, 1996, p. 71.

23. COMBLIN, 1998, p. 39.

24. POHL, Adolf. *Carta aos Gálatas*. Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999, p. 66.

o processo ocorrido com os discípulos de Jesus, que, após a vinda do Espírito, perderam o medo de viver sua fé em Cristo, mesmo diante da morte²⁵.

Para Paulo, a fé não se identifica com aceitar uma religião e sua doutrina. “A fé consiste em a pessoa se entregar à sua vocação para a liberdade. A fé é lançar-se para a frente, entrar no desabrochar da liberdade. É como jogar-se ao mar para aprender a nadar [...]. A fé é jogar-se no risco”²⁶. Isso não significa que é um ato cego ou sem conteúdo intelectual. É um salto no escuro, sim, mas não no vazio. A fé é, antes de tudo, uma atitude. Uma fé sem ação pode ser uma experiência religiosa, mas não experiência de Deus.

Por isso, crer em Cristo não é apenas aceitar intelectualmente uma proposição, como “Jesus Cristo é o Senhor”. Crer é comprometer-se e engajar-se totalmente no Projeto de Cristo, em tudo o que abrange as relações com Deus, consigo mesmo, com as outras pessoas e com o mundo. Esta vivência atinge a totalidade do ser, chegando ao ponto de dizer como Paulo: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim* (Gl 2,20).

Considerações finais

A liberdade é, acima de tudo, uma condição humana que envolve a totalidade da vida. Ela se constitui no princípio fundamental do cristianismo, a partir do qual todo cristão acolhe e vive de acordo com o projeto de Deus. Acreditar em Cristo é buscar a vivência da liberdade. É superar toda lei, vivendo numa nova perspectiva, pautada no amor. A Carta aos Gálatas é uma exposição deste ensinamento, através do qual Paulo procura ajudar as “Igrejas da Galácia” (Gl 1,2) a compreenderem o mistério de Cristo e sua implicação para o mundo. Por isso “esta carta tem sido conhecida na história da exegese bíblica como o manifesto de Paulo acerca da liberdade cristã” (tradução nossa)²⁷. Portanto, a Palavra de Deus, na medida em que é vivida concretamente, estimula a construir um caminho de liberdade que possibilite a prática do amor como a essência da vida cristã.

Ademir Rubini

Av. Getúlio Dorneles Vargas, 93 S
89801-001 Chapecó, SC
ademir_rubini@yahoo.com.br

25. Mesmo pertencendo ao grupo dos fariseus, que era o mais zeloso da Lei, Paulo foi o grande pregador da liberdade cristã. Foi por esta razão que sofreu hostilidades tanto dos judeus como dos cristãos de origem judaica; nem o concílio de Jerusalém (At 15) conseguiu acabar com a polêmica. Cf. NADAIS, Herminia. *Carta aos Gálatas*. Disponível em: <http://omeuanopaulino.blogspot.com/2009/05/carta-aos-galatas.html> – acessado em 26.08.09.

26. COMBLIN, 1998, p. 47.

27. *Esta carta ha sido conocida en la historia de la exégesis bíblica como el manifesto de Pablo acerca de la libertad cristiana*. RAMIREZ, F. Dagoberto. La carta a los Gálatas: un manifesto acerca de la libertad Cristiana. *Teología En Comunidad*, vol. 3, p. 14-22, 1989, p. 14.

Referências

- BETZ, Hans Dieter. *Galatians: a commentary on Paul's letter to the Churches in Galatia*. Philadelphia: Fortress, 1979.
- COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown, 2. ed. Vol. I e II. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- COMBLIN, José. *A liberdade cristã*. São Paulo: Paulus, 2009.
- _____. *Cristãos rumo ao século XXI. Nova caminhada de libertação*. São Paulo: Paulus, 1996.
- _____. *Vocação para a Liberdade*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1998.
- NADAIS, Hermínia. *Carta aos Gálatas*. Disponível em: <http://omeuanopaulino.blogspot.com/2009/05/carta-aos-galatas.html> – acessado em 26.08.09.
- POHL, Adolf. *Carta aos Gálatas*. Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999.
- RAMIREZ F. Dagoberto. La carta a los Galatas: un manifiesto acerca de la libertad Cristiana. *Teología En Comunidad*, vol. 3, p. 14-22, 1989.
- ROCHA, Zildo Barbosa. O Evangelho da liberdade. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2004, n. 253, p. 171-185.
- SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus?* Tradução Magda Furtado de Queiroz. São Paulo: Paulinas, 1995.
- SANDERS, Ed Parish. *Paulo: a lei e o povo judeu*. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Ed. Academia Cristã/Paulus, 2009.
- SCHLIER, Henrich. *La carta a los Galatas*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1975.